

A IN(SEGURANÇA) DO TRABALHO DO CATADOR DE RESÍDUOS SÓLIDOS

Annajarah Rodrigues Ferreira Lima¹, Gemmelle Oliveira Santos²

1. Estudante do Curso de Engenharia Ambiental e Sanitária do IFCE

2. Docente do IFCE (Campus Fortaleza) - Orientador

Resumo:

A pesquisa apresenta o cenário geral das condições de in (segurança) do trabalho de 50 catadores de resíduos recicláveis em situação de rua no município de Fortaleza-CE. A metodologia utilizada baseou-se na revisão de literatura, elaboração e aplicação de formulários e tratamento dos dados. Esta pesquisa classificou-se como aplicada, exploratória, do tipo levantamento, estudo de campo, quantitativa e com método indutivo. Observou-se que 80% dos entrevistados não utiliza equipamentos de proteção individual, trabalham em média mais de 50 horas semanais, que o trabalho é insalubre e, que direitos trabalhistas e humanos estão sendo violados. O objetivo do estudo foi conhecer as más condições laborais, a falta de qualidade de vida, do bem-estar físico, mental e social e os riscos aos quais estão sujeitos os catadores de resíduos. Concluiu-se que, são ineficientes as políticas públicas destinadas ao setor e que os aspectos físicos desses trabalhadores estão em risco de serem comprometidos.

Palavras-chave: Catadores de resíduos; Segurança do trabalho; Insalubridade.

Introdução:

No contexto da gestão e do gerenciamento dos resíduos sólidos urbanos surge a figura do catador de materiais reutilizáveis e recicláveis que, através de um extenuante ritmo de trabalho, consegue de um lado renda e do outro uma importante contribuição para o meio ambiente e para a comunidade de um modo geral (DIAS, 2002; FERREIRA, 2002; GOUVEIA, 2012).

O número específico desses trabalhadores existentes no país não é conhecido, contudo algumas previsões indicam haver mais de um milhão de trabalhadores (GOUVEIA, 2012). Já a estimativa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (2013) soma aproximadamente 600 mil trabalhadores.

Com a publicação da Lei 12.305/2010, que trata da Política Nacional dos Resíduos Sólidos, esse grupo de trabalhadores deverá assumir posição de destaque no contexto da sociedade e da gestão integrada dos resíduos sólidos urbanos.

Os catadores - ao procurarem resíduos recicláveis ou alimentos no lixo - estão desprotegidos em relação aos riscos de contaminação existentes e possíveis acidentes ocasionados na manipulação dos materiais (FERREIRA; ANJOS, 2001). Por isso, é necessário criar políticas públicas que desenvolvam condições para que o trabalho dos catadores seja digno e exercido sob menor exposição aos riscos (GOUVEIA, 2012).

No contexto de uma sociedade em constante evolução, existem várias formas de se proporcionar segurança ao trabalhador e colocar em prática as diretrizes de proteção exigidas em lei. Para Batista (2012) a segurança do trabalho pode ser entendida como o conjunto de medidas que minimizam os acidentes de trabalho, doenças ocupacionais, bem como protegem a integridade e a capacidade de trabalho do trabalhador. Diante dessas considerações, o trabalho objetivou apontar problemas e riscos à saúde do trabalho dos catadores autônomos de resíduos do município de Fortaleza - CE.

Metodologia:

Esta pesquisa classificou-se como aplicada, pois voltou-se à aquisição de conhecimentos com vistas à aplicação numa situação específica (GIL, 2002); exploratória, ou seja, buscou ter maior familiaridade com o problema (MARCONI; LAKATOS, 2003); do tipo estudo de campo, pois foi realizada no local onde acontece o fato/fenômeno/processo (GIL, 2002); quanto à abordagem, foi quantitativa; quanto ao método, usou o indutivo, pois partiu de dados particulares, devidamente constatados, para concluir uma verdade geral.

A primeira etapa da pesquisa envolveu a revisão de literatura sobre o tema principal com o objetivo de aumentar a compreensão sobre o assunto.

A segunda etapa abrangeu a elaboração de um formulário, considerando a literatura, com perguntas abertas e fechadas que buscou conhecer mais detalhes sobre as condições de trabalho dos catadores. O trabalho de campo permitiu entrevistar 50 catadores autônomos encontrados aleatoriamente entre os meses de agosto e setembro de 2016 na cidade de Fortaleza-CE.

A terceira etapa consistiu no tratamento das informações e dados e análise quantitativa mediante nova visita à literatura.

Resultados e Discussão:

O trabalho do catador é insalubre e repleto de riscos de acidentes, o que agrava sua qualidade de vida e condição social. Conforme Cavalcante, Silva e Lima (2014), os riscos de acidentes são aqueles decorrentes do ambiente de trabalho que causam algum tipo de dano, doença ou até mesmo morte do trabalhador. Ainda segundo esses autores, tais riscos são intensificados pelo uso inadequado de ferramentas impróprias e/ou defeituosas, como também pela não utilização de Equipamentos de Proteção Individual - EPI durante as atividades laborais. Esse pensamento é compartilhado por Batista, Lima e Silva (2013).

Entre os entrevistados, 80% afirmaram não utilizar EPI e 14% afirmaram utilizar alguns equipamentos (como luvas, botas, chapéu, óculos e/ou protetor solar). Há ainda um grupo (6% dos entrevistados) que afirmou, às vezes, utilizar um saco plástico nas mãos como se fosse uma luva. Como se observa, a maior parte dos catadores entrevistados encontram-se desprotegidos e em péssimas condições laborais. Mesmo com o uso de alguns EPIs, principalmente a luva, ainda acontecem cortes e perfurações, pois algumas vezes os braços e pernas são atingidos (FERREIRA; ANJOS, 2001; MEDEIROS; MACEDO, 2006). Abreu (2011), verificou durante estudo que em função da baixa escolaridade, havia dificuldade de compreensão por parte dos catadores da importância do uso de EPIs e dificuldade de associar fator de risco com a possibilidade do aparecimento de doença. "A disponibilidade de equipamentos de proteção adequados, bem como a conscientização sobre a importância de seu uso talvez pudesse contribuir para minimizar alguns destes acidentes, como cortes, perfurações e contusões diversas" (PORTO *et al.*, 2004).

Todos os entrevistados trabalham diariamente pelas ruas de Fortaleza e utilizam carrinhos (geralmente feitos com carcaça de geladeira) para transportar os materiais que encontram. Para alguns entrevistados (34%) essa condição laboral exige esforço físico em função do peso e das longas caminhadas e envolve exposição ao sol e a chuva. Por outro lado, 24% dos entrevistados não conseguem perceber nenhuma dificuldade nesse tipo de trabalho. Existem ainda aqueles que afirmam como dificuldade: encontrar material com qualidade (12%), separar os recicláveis entre os resíduos misturados (12%), vender os

materiais a preços tão baixos (6%), sofrer discriminação e o preconceito (6%), utilizar carrinhos inadequados (4%) e trabalhar com limitações físicas (2%).

No estudo feito por Abreu (2011) com 50 catadores de Goiás, quanto ao grau do esforço físico dispensado no trabalho, a maioria dos entrevistados (44%) considerou muito forte. Dos sujeitos entrevistados 60% acham que, devido ao esforço físico pesado, acabam apresentando alguns sinais de doença, sendo que 22% se queixaram de dor na coluna. Cavalcante, Silva e Lima (2014), pesquisando com catadores, identificaram esforço físico intenso, levantamento e transporte manual de peso, exigência de postura inadequada, jornada de trabalho prolongada, além de situações de estresse que são intensificados pelo uso dos carros de catação inadequados.

Quando interrogados sobre o aparecimento de doenças ou a ocorrência de acidentes de trabalho, 50% dos entrevistados nessa pesquisa tinham alguma experiência para relatar: cortes, fraturas, contusões e quedas (34%), irritações na pele (4%), doenças infectocontagiosas (4%), dores nos braços, pés e costas (4%) e batidas no trânsito (4%).

No estudo de Porto *et al.* (2004), quando questionados sobre acidentes (71,7%) dos entrevistados mencionaram já ter se acidentado. Dentre os 267 casos de acidentes mencionados, destacam-se os cortes com vidros (100), as perfurações com outros materiais (50), as quedas (40), as topadas (34), queimaduras (12) e os atropelamentos (6). Abreu (2011), identificou que em relação aos riscos ocupacionais, 50% dos entrevistados já presenciaram algum acidente, que em 72% dos casos teve como consequência cortes em alguma parte do corpo do trabalhador. Apenas 38% dos catadores acham que sua profissão pode provocar alguma doença ocupacional.

Segundo Ferreira e Anjos (2001), os cortes com vidros são os acidentes mais comuns entre trabalhadores da coleta domiciliar e das esteiras de catação de usinas de reciclagem e compostagem, e também entre os catadores dos vazadouros de lixo. Hoefel *et al.* (2013) observaram a ocorrência de acidentes de trabalho em 55% dos 200 catadores do Lixão de Brasília e mais de 79,2% dos trabalhadores declararam-se estressados, tristes ou cansados em relação ao trabalho e a maioria considerava injusta a renda de seu trabalho. Além disso, 35,4% informaram casos de doença na família pelo contato com o lixo, água ou alimento contaminado.

Em relação a carga horária, 46% dos entrevistados afirmaram trabalhar até 8 horas diárias, 34% trabalham de 9 a 12 horas por dia,

16% trabalham acima de 13 horas diárias e 4% não informaram a carga horária de trabalho. Sendo que, 60% dos entrevistados trabalham 6 ou 7 dias por semana. Abreu (2011) identificou que 36% dos 50 entrevistados trabalham de 9 a 11 horas diárias e 20%, 35 trabalham acima de 12 horas por dia, sendo as atividades desenvolvidas por 70% dos sujeitos de 6 a 7 dias por semana. Os movimentos repetitivos, além da carga horária diária de trabalho superior a oito horas, resultam em estresse, dores no corpo, lombalgias, cefaleias, oscilações de humor, cansaço físico, dentre outros sintomas (FERREIRA; ANJOS, 2001; BATISTA; LIMA; SILVA, 2013).

Diante da realidade observada, foi interrogado o que poderia ser feito para melhorar as condições de trabalho e vida dessas pessoas. Para 20% dos entrevistados seria um grande avanço não sofrer discriminação e ser mais reconhecido, para 18% (exercer a atividade com carteira assinada e/ou conseguir uma aposentadoria), para 14% (vender os materiais à preços melhores), para 12% (receber resíduos já separados mediante coleta seletiva municipal). Também responderam: trabalhar com EPI (6%), ter uma carroça maior com tração animal (4%), conseguir moradia própria (2%) e apoio da prefeitura (2%). Por outro lado, 14% dos entrevistados não desejam nenhuma melhoria, 6% não souberam informar e 2% disse que “tudo” precisava melhorar.

Na pesquisa de Porto *et al.* (2004), quando questionados sobre dificuldades, melhorias e sonhos, os catadores (91,3%) afirmaram ter sonhos, apesar das dificuldades. Dentre os sonhos citados, destacam-se: ter uma casa melhor, deixar de ser catador, conseguir um emprego com carteira assinada ou melhorar de vida. Já na investigação de Abreu (2011), falando sobre as possíveis situações que poderiam trazer melhoria ao trabalho, 20% relataram construção de galpão e distribuição de EPIs e 16% material mais limpo. “São inúmeros os riscos à saúde existentes na atividade de catação no lixo, os catadores são desprovidos de garantias trabalhistas que os amparem, principalmente em condições de acidentes do trabalho, doenças, aposentadoria, décimo terceiro e seguro desemprego. Além disso, são mal remunerados, vítimas de preconceitos e não são reconhecidos” (MEDEIROS; MACEDO, 2006).

Conclusões:

Com esta pesquisa, pode-se constatar que ainda tem-se muitos degraus a galgar em relação aos riscos ocupacionais da atividade e

o reconhecimento do trabalho dos catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis. A ausência de ações da Prefeitura para com esses trabalhadores, a falta de participação e reconhecimento do trabalho pela população comprometem a atividade do catador e ferem a própria dignidade humana.

A falta de equipamentos e orientações ficou notória no desenvolvimento deste trabalho, e isso acarreta maiores riscos a estes trabalhadores. Para melhorar o quadro, deve-se primeiramente instruir quanto aos riscos, fornecer condições mínimas de trabalho e valorizar esta atividade. Estas medidas diminuiriam a insegurança no trabalho e uma melhor qualidade de vida seria garantida.

Num cenário geral, o que ocorre com os catadores de resíduos no município de estudo é um quadro alarmante que necessita com urgência de reparos.

Referências bibliográficas

ABREU, E.P.de. **Condições de trabalho, saúde e hábitos de vida dos catadores de resíduos sólidos da Vila Vale do Sol em Aparecida de Goiânia-GO.** 2011. 61 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais e Saúde) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2011.

BATISTA, F.G.A.; LIMA, V.L.A.; SILVA, M.M.P. Avaliação de riscos físicos e químicos no trabalho de catadores de materiais recicláveis – Campina Grande, PB. **Revista Verde**, Mossoró, v. 8, n. 2, p. 284 – 290, abr.-jun., 2013.

BATISTA, R. **Coletores de Lixo e Riscos Ocupacionais:** estudo de caso no município de São Miguel do Iguacu. 2012. 48 f. Monografia (Especialização) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2012.

CAVALCANTE, L. P. S.; SILVA, M. M. P. da; LIMA, V. L. A. de. Análise comparativa de riscos ergonômicos e de acidentes que envolvem catadores de materiais recicláveis organizados e informais. *In:* CONGRESSO BRASILEIRO DE GESTÃO AMBIENTAL, 5., 2014, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: IBEAS, 2014.

DIAS, S. M. Lixo e Cidadania: os impactos da política de resíduos sólidos de Belo Horizonte no mundo do trabalho do catador da ASMARE. *In:* ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13., 2002, Ouro Preto. **Anais...** Ouro Preto: ABEP, 2002.

FERREIRA, J. A.; ANJOS, L. A. dos. Aspectos de saúde coletiva e ocupacional associados à gestão dos resíduos sólidos municipais. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 689-696, jun. 2001.

FERREIRA, S. L. Os catadores do lixo na construção de uma nova cultura: a de separar o lixo e da consciência ambiental. **Revista Urutágua**, Maringá, n. 7, 6 f., ago.-nov. 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p.

GOUVEIA, N. Resíduos sólidos urbanos: impactos socioambientais e perspectiva de manejo sustentável com inclusão social. **Ciência saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 6, p. 1503-1510, jun. 2012.

HOEFEL, M.G. *et al.* Acidentes de trabalho e condições de vida de catadores de resíduos sólidos recicláveis no lixão do DF. **Revista Brasileira de Epidemiologia**. São Paulo, v. 16, n. 3, p. 774-785, set. 2013.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Situação Social das Catadoras e dos Catadores de Material Reciclável e Reutilizável – Brasil**. Brasília, DF, 2013. 70 p.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 310 p.

MEDEIROS, L.F.R.; MACEDO, K.B. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 62-71, ago. 2006.

PORTO, M. F. de S. *et al.* Lixo, trabalho e saúde: um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 6, p. 1503-1514, dez. 2004.